

SERIA A MORTE O LOBO MAU?

Camila Canali Doval¹

Introdução

Era uma vez uma pequena e meiga menina, da qual todo mundo passava a gostar assim que conhecia. Mas ninguém a amava tanto quanto sua vovozinha, que não sabia mais o que fazer para agradá-la. Certa vez deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, que lhe ficou tão bem que a menina não queria usar outra coisa, ficando conhecida então como Chapeuzinho Vermelho. (GRIMM, 1985:3).

Essas três frases são suficientes para apresentar Chapeuzinho Vermelho. A menina não tem nome e isso pouco importa, pois Chapeuzinho Vermelho é qualquer menina, que cabe em qualquer tempo e em qualquer parte do mundo. Não converse com os lobos maus que rondam por aí, é o que alertam os Irmãos Grimm através do conto e, em coro com eles, os pais de todas as pré-adolescentes do mundo.

Ninguém mais se lembrou de nada, até Dona Maria Cecília esqueceu o nervoso: tudo de olho em Maria, vendo ela pulando, dançando naquela corda tão fina que – como é que pode? – parecia um calçadão de tão fácil que Maria pisava nela. E teve criança que até gritou de alegria porque era bonito mesmo de olhar. Maria ouviu o grito, sentiu o coração batendo forte, e aí foi pulando num pé só, uma perna esticada para trás, pulando bem grande, coisa que era difícil toda a vida de fazer. Depois pulou pra cadeira e pro chão. Pegou de novo o embrulho, pendurou o arco no ombro, segurou a mão de Barbuda e ficou quieta de novo. (NUNES, 1993:16)

Apresentar Maria não é tarefa simples: ela personalidade própria e um drama muito bem escondido dentro do seu corpo miúdo. Maria não fala, não conta, não desabafa. Maria não chora. Mas, quando sobe na corda, ela esquece seus problemas e fica leve como se não carregasse peso algum na alma. A corda, embora bamba, instrumento de amarra, é o símbolo da sua liberdade. Na corda, Maria é feliz, segura e sabe o que faz. Tal qual Chapeuzinho, Maria é uma criança comum. As meninas reais também têm problemas e caminham, por vezes, em uma corda bamba. Mas a voz dela vem do íntimo da criança e diz: veja, eu soffro, assim como você.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Existe uma relação entre Chapeuzinho e Maria que transcende o fato de serem personagens-criança e meninas. Chapeuzinho, em algum momento, deve crescer, pois eis que aqui fora também crescem seus leitores. Lygia Bojunga sabe disso e, sob nova forma, a heroína de sua história reproduz a fantástica jornada de Chapeuzinho em direção à maturidade. Maria continua Chapeuzinho. Conforme a classificação de Coelho, Maria é uma *personagem-individualidade*:

A personagem-individualidade é típica da ficção contemporânea. Representa o novo homem, revelado pelas descobertas psicanalíticas, que puseram em questão a antiga interpretação do ser humano, visto de maneira maniqueísta e dogmática, como um bloco inteiriço de qualidades ou de defeitos. Assim, a personagem tradicional (...) é substituída pela personagem-individualidade, que se revela ao leitor através das complexidades, perplexidades, impulsos e ambiguidades de seu mundo interior. (COELHO, 2000:76).

Chapeuzinho Vermelho e Maria nunca se encontram, mas são indissociáveis. Chapeuzinho é inspiração de Maria; Maria é evolução de Chapeuzinho. Ambas são partes de um sonho maravilhoso.

1 O vermelho grita...

Não é difícil compreender a função e o espaço destinados a Chapeuzinho. A personagem representa uma fase crucial da vida: a puberdade. Conforme Aguiar,

o diminutivo Chapeuzinho indica a condição pueril de fragilidade, delicadeza, meiguice; enquanto o adjetivo Vermelho simboliza paixões violentas e arrojadas. Tem-se aí configurados os conflitos pelos quais a heroína passará, gerados pelo sentimento de docilidade e obediência, de um lado, e o desejo de aventuras e grandes emoções, de outro. (GRIMM, 1985:24).

A cor vermelha marca a menstruação, símbolo absoluto do amadurecimento feminino. É de igual importância frisar que a presença de personagens infantis não é fato comum nos contos de fadas tradicionais. Segundo Khéde (1990:21), “Quando aparece, está ligado à representação da fragilidade e da inocência (embora plena de bom senso) e aos processos ritualísticos de iniciação”. No caso de Chapeuzinho, da iniciação sexual.

Desde a época das primeiras aparições de Chapeuzinho Vermelho até hoje, o próprio conceito de criança passou por modificações. Atualmente, é sabido que a

infância é um país imensurável, cujas fronteiras não se estabelecem por modelos nem as riquezas se descobrem através de estereótipos. As crianças atuais, expostas a apelos e estímulos variados todos os dias - e a cada dia mais - tornam-se em pouco tempo aptas a mergulhar em mares literários um pouco mais profundos.

2 ...E a dor cala

É aqui que surge Maria, pisando firme em sua corda bamba para mostrar que é fruto de uma sociedade conturbada, frágil e incapaz de lidar com seus próprios conflitos. Maria carrega um nome próprio, porém um nome genérico.

A construção do personagem como herói, mesmo quando esse herói é problemático, possibilita não só uma chave decifratória do texto como a análise, que nos interessa mais de perto, de como a criança e o jovem – sujeitos em formação – poderão desenvolver o processo de identificação e rejeição com as características dominantes dos personagens (KHÉDE, 1990:9).

A pequena equilibrista é silenciosa, porém o silêncio é um grito suficientemente alto para alcançar os ouvidos de quem está disposto a escutar. Maria sofre uma dor absurda, grande demais para ela, que não cabe em seu coração. Lygia Bojunga fala diretamente às crianças e aproveita para dizer coisas que elas dificilmente escutam por aí. Lygia fala de perda, de dor, de solidão. Do sentimento de impotência. Do mal irremediável. Lygia dá à criança a importância que lhe é devida e não hesita em tratar seus problemas como problemas que são. Acostumados com finais felizes que tiram meninas de dentro das barrigas dos lobos, os leitores mal entendem quando uma personagem infantil começa e termina a história da mesma maneira: órfã. Não há restituição da situação inicial. Quando Lygia decide falar da morte, fala do jeito que a morte é, sem pele de lobo para disfarçar. E é chocante descobrir que o final feliz de Maria não está em reencontrar os pais e sim, em conseguir, finalmente, despedir-se deles.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia-a-dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (COELHO, 2000:51)

A partir de certa fase, não cabe mais à criança ignorar a presença do lobo. É preciso que passe a andar com seus próprios pés, por mais inseguros que sejam seus passos e por mais bambo que se mostre o caminho.

Corda Bamba não se trata de um conto de fada, mas qual boa história infantil, seja no tempo em que for, não bebe da água dos Irmãos Grimm e de outros do gênero? A função formadora dos contos é insubstituível e é natural que as obras contemporâneas os reinventem. Lygia Bojunga permite que Maria aja covardemente por um espaço de tempo, bloqueando seus sentimentos e prostrando-se diante da vida. Afinal, é compreensível diante do luto. Porém, ela não o permite por todo o tempo: seguindo a fórmula perfeita ensinada pelo maravilhoso, ela oferece à menina um caminho mágico pelo qual ela será capaz de recuperar a felicidade.

3 Pela estrada afora...

Bem que a mamãe de Chapeuzinho aconselha que a menina não se distraia, mas não é suficiente para brecar os ímpetos da filha. Chapeuzinho carrega o estigma da cor vermelha, não hesita diante de uma aventura, não pondera diante de um desejo. Bettelheim observa que Chapeuzinho “não teme o mundo externo, e sim reconhece sua beleza, e aí está o perigo” (2005:206). Quando o lobo, malicioso, oferece a floresta inteira para desbravar, não há conselhos, não há tarefas, não há avó doente esperando.

E lá se vai bem contente, colhendo flores para a vovozinha, sem medo algum, pois desconhece o que possa causá-lo. Quando o lobo atravessa seu caminho, sua recepção é doce e educada, como a boa menina que foi ensinada a ser. Seduzida pelos prazeres da floresta, ela presta ao inimigo a preciosa informação sobre o endereço da casa da vovó. Assim, o lobo corre na frente e chega primeiro, enquanto Chapeuzinho percorre, curiosa e distraída, a estrada que a poderia levá-la à morte, caso este ensaio tratasse da versão de Perrault. Para Bettelheim, “Esta luta entre o desejo consciente de fazer as coisas corretamente e o anseio inconsciente de vencer a mãe (avó) é o que nos faz amar a menina e a estória torna-a supremamente humana” (2005:210).

A sorte de Chapeuzinho é que os Irmãos Grimm repensaram seu destino e lhe concedem uma chance crescer e aprender definitivamente a lição.

4 ...Ela vai bem sozinha

Não. Não era fundo. Nem era sala nem quarto. Era um corredor comprido com seis portas fechadas. E cada porta de uma cor. O corredor estava vazio; nem sinal da moça e do pintor. E um silêncio que só vendo. Maria ficou olhando pras portas, achando que era melhor voltar pra casa. (...) Mas em vez de voltar continuava escutando cada porta, querendo ouvir de novo a voz de Márcia e Marcelo. Não ouviu nada. Parecia que atrás das portas era que nem no corredor: quieto e sozinho. (NUNES, 1993:71).

O caminho de Maria não é vibrante e tentador como a estrada de Chapeuzinho. Maria não cantarola enquanto desbrava sua floresta: o único ritmo que segue é o das batidas assustadas de seu coração. Ela está sozinha também, mas sozinha de um modo diferente, pois está onde ninguém mais poderia estar, no seu próprio inconsciente quieto e sozinho, personificado num corredor de portas fechadas.

O irreal do fantástico seria mesmo um irreal? O fantástico nos tocaria, a obra fantástica encontraria leitores, se não reunissem aspirações, necessidades, experiências que também trazemos em nós, em graus diversos, talvez obscuros e semi-ignorados, mas, no entanto, bem reais? (HELD, 1980:25)

O corredor é o elemento fantástico que a autora insere na vida por demais real de Maria. Elemento essencial, visto se tratar de uma narrativa infanto-juvenil.

Essas descobertas essenciais sobre a condição humana – a vida, a morte, o trabalho, a amizade, o amor, o sofrimento – são feitas pela criança, geralmente, ao nível simbólico que lhe propõem inicialmente as lendas, mito que se apreende intuitivamente para em seguida decifrá-los, pouco a pouco, no plano do intelecto. Embora a distância introduzida pelo símbolo sirva, em muitos casos, para tornar-se proporcional às forças da criança, para tornar progressiva tal descoberta-choque. (HELD, 1980:95).

Muito gradativa e inconscientemente a criança se desligará da fantasia. O leitor de *Corda Bamba* há pouco abandonou *Chapeuzinho Vermelho*. Ele ainda guarda qualquer coisa dentro de si que espera pela intervenção do caçador. Mas isso não acontece. Maria deve abrir sozinha porta por porta até descobrir detrás de qual o lobo se esconde e, então, enfrentá-lo. “Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido e resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros” (BETTELHEIM, 2005:27).

5 Tem lobo em pele de vovó...

Mas o que pode significar o medo da morte e a morte em si para personagens ainda tão crianças e para crianças ainda tão refletidas em personagens?

Assim como o conto, que traduz uma transição entre dois equilíbrios, a vida do homem na terra entre o nascimento e a morte representa apenas uma passagem mais ou menos breve, semeada de provas. É preciso ver nessa imagem uma primeira metáfora que representa o argumento concebido por nossa angústia diante da existência, portanto, um argumento fortemente carregado de símbolos? Sim, sem dúvida. (GILLIG, 1999:64).

Frente a frente com a morte, as duas meninas manifestam semelhante e compreensível reação: negam. Chapeuzinho mal entra no quarto da avó e pressente: “Meu Deus, como estou assustada hoje, e eu que sempre gosto de visitar a vovó!” (GRIMM, 1985:14). Ora, não há como ignorar: o lobo, deitado na cama, com a cabeça coberta por uma touca que mal disfarça o focinho arreganhado, saliva pela tenra carne de Chapeuzinho. Então a menina disfarça: “Vovozinha, por que essas orelhas tão grandes? Vovozinha, por que esses olhos tão grandes? Vovozinha, por que essas mãos tão grandes?” (GRIMM, 1985:16). Quanta hesitação em reconhecer o lobo, em encarar a morte! Quando, finalmente, Chapeuzinho profere: “Mas vovozinha, por que essa boca tão grande?”, mal há tempo para a célebre resposta. Em um pulo, o monstro dá cabo da heroína e todos os conselhos dos adultos assumem razão de ser.

6 ... E tem lobo atrás da porta

-Eu sei, moça, mas o que é que eu posso fazer? Tô indo pro Sul, não vou mais ter chance de falar com a Maria de novo, e ela tá com um problema sério, sabe? Precisa aprender uma porção de coisas complicadas e não tem onde botar o pé. (NUNES, 1993:36)

Maria é uma menina perdida em meio a lembranças caladas dentro de si. Seu caminho é inverso ao da outra: em sua história, o mal já foi consumado. O que resta à menina é buscá-lo num corredor de portas fechadas, onde uma grita mais do que as outras: a porta vermelha. Desde a primeira vez ela atrai Maria, chama Maria, pulsa dentro de Maria. É claro que Maria deseja abrir a porta, e tenta, mas justamente essa está trancada. Maria não pode abri-la antes das outras. Há um caminho a seguir, etapas a concluir, estágios a superar. Porta por porta a menina-equilibrista desvenda sua história. Porta por porta Maria amadurece até estar pronta para reencontrar sua verdade. Atrás da porta vermelha se esconde o lobo mau de Maria, e ela sabe disso, ela consegue escutar

sua respiração. Não será o primeiro encontro, não há mais inocência, resta apenas um trinco a girar. Ela gira. Entra. Assiste.

Maria se vira, sacode a maçaneta, a porta não está mais trancada, ela sai. Correndo. Correndo. Pula pro andaime, pega o arco, vai embora. A garganta continua seca, o olho ardendo, que comprida que é a corda! Parece que nem vai dar pra chegar no fim. Mas chega. Não se lembra de tirar sapatilha, nada, entra na cama, puxa o lençol, se tapa toda, cabeça, tudo, não quer ver mais, só quer dormir, quem sabe quando acordar, lembrar não vai mais doer tanto assim? (NUNES, 1993:116)

Lembrar não dói tanto depois que se entende o que dói. Depois de uma boa noite de sono. Depois que os monstros são expulsos de dentro do armário.

Assim como despertamos renovados de nossos sonhos, mais aptos a enfrentar as tarefas da realidade, da mesma forma o conto de fadas termina com a volta do herói ou com sua devolução ao mundo real, muito mais capaz de dominar a vida. (BETTELHEIM, 2005:79)

Essa é a conclusão que Bettelheim retira da análise dos contos de fadas, mas por que não aplicá-la a uma obra moderna? Também Lygia Bojunga quer trazer Maria de volta em segurança e a passagem se faz muito mais suave através do sonho. Maria volta. Pode não estar feliz, mas volta. Pode não estar livre, mas volta. Volta mais leve, mais tranquila, mais madura. Preparada para conquistar o resto.

7 Afinal, seria a morte...

“- Ah, como eu estava assustada, era tão escuro na barriga do lobo!” (GRIMM, 1985:20). Embora tudo leve a crer nessa hipótese, a morte, para Chapeuzinho, não é o lobo mau. Muito antes o contrário; a menina é devorada, mas, para grande surpresa do leitor, a história continua na barriga do monstro e quando o caçador aparece, tudo o que precisa fazer é a cesariana que a devolve ao mundo. Chapeuzinho, despida da inocência com a qual foi apresentada ao leitor, ressurge da escuridão sob nova forma, modificada e crescida, até vingativa, pois é dela a ideia de encher a barriga do lobo com pedras. Bettelheim assinala:

Chapeuzinho perdeu sua inocência infantil quando se encontrou com os perigos do mundo e os de dentro dela, e trocou-os pela sabedoria que só os que “renascem” possuem: os que não só dominam uma crise existencial, mas

também tomam consciência de que era a sua própria natureza que os projetava na crise. (BETTELHEIM, 2005:219)

De outro lado, as últimas palavras de Chapeuzinho são confidenciais apenas ao leitor, para que este tome consciência da importância do caminho que percorreram juntos: “Nunca mais sairei da estrada e penetrarei na floresta, quando isto for proibido por minha mãe”. (GRIMM, 1985:22) Só mesmo uma nova Chapeuzinho poderia retirar essa lição de tudo o que acabara de viver.

8 ... O lobo mau?

O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo elas todas, e vai arrumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá. Num quarto bota o circo onde ela vai trabalhar; no outro ela bota o homem que ela vai gostar; no outro os amigos que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher. (NUNES, 1993:125)

Desde as primeiras páginas de *Corda Bamba*, tudo o que se espera é um final feliz para Maria. Deseja-se vê-la sorrir, brincar, viver como a criança que é. Chapeuzinho Vermelho cresce num processo natural e justo, em que uma situação ímpar da sua vida é resolvida e superada, proporcionando a ela uma oportunidade para refletir e amadurecer. Mas, e Maria? O que é feito do final de Maria?

Maria, assim como Chapeuzinho e assim como o leitor, é pequena demais para entender a existência de um lobo tão mau quanto a morte. Como defesa, ela bloqueia os sentimentos de tal forma que a morte deixa de existir. Afinal, como lidar com algo incompreensível? Conforme Held,

A noção de mortalidade é por demais conceitual. É abstrata. Para a criança, é vazia de sentido. Primeiramente porque tem, salvo acidente, toda a vida diante dela, e porque – particularmente em seu caso – a morte está “alhures” e é “para os outros”. Noção vazia de sentido também porque a criança vive o agora. (HELD, 1980:127)

Maria cresceu rápido porque era preciso. Ela não renasceu da barriga de um lobo, porém, o lugar onde estava era igualmente escuro. Ainda segundo Held, citando Ruy-Vidal, “Há sempre lobos em torno de nós... Não é protegendo as crianças, mas, pelo contrário, expondo-as progressivamente à vida é que vamos fazer delas adultos equilibrados”. (1980:89).

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

GILLIG, Jean-Marie. *O Conto na Psicopedagogia*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

GRIMM, Irmãos. *Chapeuzinho Vermelho*. Porto Alegre: Kuarup, 1985.

HELD, Jaqueline. *O Imaginário no Poder: As crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1990.

NUNES, Lygia Bojunga. *Corde Bamba*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1993.